



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Rio Grande do Norte

Brasil

ZAMPERETTI, M.P.; ROSSI, F.D.  
TECNOLOGIAS E ENSINO DE ARTES VISUAIS – APONTAMENTOS INICIAIS DA  
PESQUISA

HOLOS, vol. 8, 2015, pp. 190-200

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547291017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## TECNOLOGIAS E ENSINO DE ARTES VISUAIS – APONTAMENTOS INICIAIS DA PESQUISA

M. P. ZAMPERETTI\* e F. D. ROSSI

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

maristaniz@hotmail.com\*

Artigo submetido em março/2015 e aceito em dezembro/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.2031

### RESUMO

A presença das novas tecnologias no ambiente escolar, especificamente no ensino de Artes Visuais do município de Pelotas, RS, é um recorte temático estudado na pesquisa desenvolvida pelo Grupo “Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais”. Este artigo se constitui como um dos primeiros desdobramentos desta pesquisa e visa de forma sucinta levantar as questões referentes à tecnologia e as novas tecnologias na sociedade atual, enfocando o uso destas no ambiente educacional e no ensino de Artes Visuais. O uso das novas tecnologias da informação e comunicação constitui-se uma realidade para nossa sociedade. Elas tornaram-se importantes e até mesmo indispensáveis em praticamente todos os âmbitos sociais. Alteraram de forma determinante os recursos e os meios para a

comunicação e acesso à informação. Os espaços educativos não ficaram de fora das mudanças. A tecnologia adentrou (e tem adentrado) o espaço escolar de modo a “modernizá-lo”, ou melhor, torná-lo contemporâneo aos avanços tecnológicos que foram sentidos pela sociedade, na qual ambas, sociedade e educação, tiveram que se adaptar neste processo de inserção das novas tecnologias. A pesquisa mostra que a inserção das novas tecnologias no Ensino de Artes Visuais enfrenta problemas de ordem material e pessoal, constituindo-se num fator inibitório ou mesmo, impeditório à ação docente, visto que o professor depende diretamente dos recursos que dispõe para poder desenvolver suas aulas com boa qualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artes Visuais, Ensino de Artes Visuais, Tecnologias de Informação e Comunicação

## TECHNOLOGY AND VISUAL ARTS EDUCATION - EARLY INDICATIONS OF RESEARCH

### ABSTRACT

The presence of new technology in the school environment , specifically in the teaching of Visual Arts of Pelotas, RS, Brazil, is one of several topics studied in a qualitative research that is being conducted through the analysis of interviews with teachers from the same municipality Art. This article represents one of the first developments of this research and aims to briefly raise the issues of technology and new technologies in modern society , focusing on the use of these in the educational environment and teaching of Visual Arts. The use of new information technologies and communication is becoming a reality for our society . They have become important and even indispensable in virtually all social spheres . Altered decisively the resources and means for

communication and information access. Educational spaces were not left out of the changes. The technology entered ( and has stepped into ) the school environment in order to " modernize" it or better make it contemporary technological advancements that have been experienced by the society in which both society and education, had to adapt this process insertion of new technologies. Research shows that the insertion of new technologies in Teaching Visual Arts faces materials and personal problems, constituting a inhibitory or even impeditório the teaching activity factor since the teacher is directly dependent on the resources available to be able to develop their classes with good quality.

**KEYWORDS:** Visual Arts , Visual Arts Education, Information and Communication Technologies

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações decorrentes da inserção e uso das TIC no ambiente escolar são objetos de estudo de vários teóricos e educadores contemporâneos como Barreto (2009), Kenski (2006, 2007) e Lévy (1999, 2000, 2001), visto que estas tecnologias estão presentes no cotidiano das pessoas, em diversos ambientes sociais. Estes estudos, merecedores de destaque, se justificam na medida em que a escola é uma instituição onde as mudanças sociais se tornam evidentes, concretizando-se na forma de conteúdos, metodologias e ações docentes e discentes. Se a escola é formada principalmente de indivíduos, os quais se relacionam entre si, permeados pelo meio onde vivem, é preciso pensar a educação de modo condizente com a realidade encontrada fora dos muros da escola. É na vida cotidiana que a tecnologia está cada vez mais presente, intensificando nossos fazeres diários e promovendo interação, minimizando distâncias e possibilitando acesso à diversos contextos e modos de sonhar, criar e viver nossos presentes.

A presença das novas tecnologias no ambiente escolar, especificamente no ensino de Artes Visuais do município de Pelotas, RS, é um recorte temático de um estudo sobre a utilização das novas tecnologias no ambiente escolar, realizado com professores de Arte do mesmo município. Esta pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa denominado de “Pesquisa e Ensino na Formação de Professores em Artes Visuais – relações com a reflexão e a experiência”, desenvolvido no Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, por um grupo de professores e estudantes vinculados a instituição.

Este artigo se constitui como um dos primeiros desdobramentos desta pesquisa e visa de forma sucinta levantar as questões referentes à tecnologia e as novas tecnologias na sociedade atual, enfocando o uso destas no ambiente educacional e no ensino de Artes Visuais. Durante o mesmo, usar-se-á as entrevistas com os docentes, como fonte de informação quanto à realidade escolar no uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

## 2 INSERÇÃO DAS TIC E MUDANÇAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO

A inserção das novas tecnologias da informação e comunicação no cotidiano de trabalho, estudo e lazer das pessoas está ocorrendo de forma rápida, abrangente e a nível global. Este fenômeno tem provocado grandes alterações na sociedade. Porém, as mudanças tecnológicas não são novidades do nosso tempo. Elas têm acompanhado o homem há milênios. A tecnologia surgiu com a necessidade humana de adaptação ao meio exterior para garantir a sobrevivência da espécie, tornando-se um “conhecimento materializado ou extensão do corpo” (LEOTE, 2006, p. 1), acompanhando e possibilitando ao homem o desenvolvimento de suas atividades cotidianas desde o princípio da história.

Desta forma, o ser humano utiliza a tecnologia para suprir suas necessidades de produção e inovação, buscando adequá-los a seus propósitos, num processo contínuo de mudanças. Essa constante busca por inovação e melhoria, fez com que muitas tecnologias se tornassem obsoletas, provocando assim uma série de sucessões tecnológicas que visaram atender as concepções e as aspirações de cada época. Tamanha é a importância da tecnologia na sociedade, que ao mencionarmos uma época passada, logo a associamos aos avanços tecnológicos proporcionados por aquele momento socio-histórico. Portanto, a tecnologia disponível em de cada época e local

está diretamente relacionada a avanços científicos, aos propósitos de uso, a questões econômicas e até mesmo a questões políticas. “A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas” (KENSKI, 2007, p.21).

É possível olhar para o passado e traçar uma linha de grandes mudanças nos sistemas de produção, resultando na sociedade altamente industrializada que vivemos hoje. Nota-se que as transformações no âmbito do trabalho foram bastante significativas. Em alguns casos, estas levaram – e continuam levando – à adaptação das empresas e trabalhadores às novas tecnologias. Mas em outros casos as mudanças ocorreram de maneira brusca, ocasionando o declínio e a extinção de várias profissões, que tiveram suas funções substituídas pela tecnologia ou foram tragadas pela industrialização. Conforme aponta Arroyo (2000, p. 19), “[m]uitos saberes de muitos ofícios foram destruídos pela industrialização, pelo avanço das máquinas, da tecnologia, da incorporação do saber operário e de seu controle”.

Na contemporaneidade, o fenômeno da globalização facilitou a difusão tecnológica a nível mundial, a transmissão de informações e a comunicação entre os países. A inserção das novas tecnologias veio de maneira rápida e ocasionou a substituição de equipamentos de uso e a introdução da linguagem computacional no ambiente de trabalho e cotidiano de forma geral. O resultado é que os trabalhadores de vários segmentos precisaram (e ainda precisam) estar abertos aos novos e constantes aprendizados com relação aos meios tecnológicos.

Este é o caso dos profissionais da educação. Eles também perceberam as mudanças no sistema de ensino, ocasionado pelo advento das TIC. Pode-se dizer que os professores que têm mais de quinze anos de docência, vivenciaram a crescente presença das TICs no espaço escolar – e na própria sociedade – substituindo equipamentos de uso cotidiano como mimeógrafos, máquinas de escrever, retroprojetores, fax, disquetes, fitas de vídeo e fitas cassete por computadores com acesso a internet, CDs, DVDs, pen drives, data- shows, máquinas copiadoras, câmeras digitais, televisores de alta definição, entre outras tecnologias.

Existe na atualidade um consenso quanto à importância das TIC nas instituições escolares, porém, sua utilização é alvo de discussões e polêmicas. Assim, podemos dizer que a educação está passando por mudanças estruturais e funcionais frente às novas tecnologias (ROCHA, 2011, p. 2).

Muitos professores, seguindo a perspectiva de mudança tecnológica, buscam aprender a utilização das novas tecnologias através de cursos de formação continuada ou, pela instrução autodidata. À medida que o professor passa a reconhecer os novos meios tecnológicos como instrumentos úteis para o desenvolvimento de suas aulas, a incorporação das TIC passa a conviver com o uso do giz, da lousa e do livro didático.

Essa presença tem sido cada vez mais constante no discurso pedagógico [...]. Em síntese, a presença das TIC tem sido investida de sentidos múltiplos, que vão da alternativa de ultrapassagem dos limites postos pelas “velhas tecnologias”, representadas principalmente por quadro-de-giz e materiais impressos, à resposta para os mais diversos problemas educacionais ou até mesmo para questões socioeconômico-políticas (BARRETO, 2004, p.1182-3).

Para Barreto (2004), a inserção das TIC no ambiente escolar, por vezes, está sendo vista

como um meio de solucionar alguns problemas do sistema educacional diante das necessárias reconfigurações sociais. Moreira e Kramer (2007) também abordam esta perspectiva das novas tecnologias estarem associadas à solução de problemas:

[...] Para muitos gestores e professores, os desafios que se apresentam à escola precisam ser encarados pelo recurso às tecnologias da comunicação e da informação. A “aura de magia” que as envolve, evidencia sua fetichização. Acredita-se em sua capacidade de desencadear mudanças significativas no processo de ensino-aprendizagem, bem como de minimizar a lacuna entre as práticas escolares e as demais práticas sociais de docentes e discentes (MOREIRA; KRAMER, 2007, p.1038).

Mudar as práticas pedagógicas com o intuito de aumentar a qualidade do ensino e diminuir a distância do que se pratica em relação às novas tecnologias dentro e fora da sala de aula, é a busca de muitos professores contemporâneos. Estas estratégias de adequação aos novos tempos estão gerando muitas inquietações nos profissionais da educação, como uma preocupação em qualificar-se, dominando métodos e saberes, adequando-se às novas demandas sociais.

Outras inquietações emergem a partir destes questionamentos: está em xeque “[...] o próprio sentido social de suas vidas, de seus esforços, de sua condição de mestres. Entender o papel que exercem, o peso social e cultural que carregam (ARROYO, 2000, p. 34).

Pode-se perceber através do discurso de Arroyo (2000), que as inquietações dos professores não estão somente na ordem material de adaptação e dominação das novas tecnologias. Há também uma preocupação de caráter subjetivo quanto às novas configurações do papel do professor nesses novos tempos e certo medo quanto à perda do significado e prestígio social da profissão.

De fato, o fácil acesso a informação através da rede mundial de computadores, possibilita os estudantes obterem as informações de forma autônoma e não somente através da figura do professor. Dessa maneira, o papel histórico e subjetivo do professor, de constituir-se como fonte e transmissor do saber, vem modificando-se na contemporaneidade com o fácil acesso à informação e maior possibilidade do conhecimento provir de outros meios. Até a própria constituição do saber assumiu seu caráter de mutabilidade na atualidade com as novas e constantes descobertas científico-tecnológicas.

Compete ao professor perceber essas mudanças na produção de conhecimento na atualidade. A sua função de transmissor do saber passa a ganhar os contornos do diálogo com as informações e os conhecimentos de mundo trazidos pelos alunos em sala de aula. O professor “[...] sai do centro da relação e passa a orientar seu aluno em sua busca, numa nova relação de ensino-aprendizagem” (FISS e AQUINO, 2013, p. 203).

Porém essas mudanças não alteram a importância da figura do professor. Ele é um dos grandes responsáveis por transformar as informações em conhecimento e por tornar estes, significativos para a vida do aluno. Ele tem o poder de incentivar o senso crítico do estudante quanto ao meio em que ele vive e as informações que recebe, criando estratégias metodológicas que deem vazão a curiosidade dos alunos e a autonomia que eles vêm adquirindo com o “navegar” pela internet. Por meio dessas possibilidades de ensino, o professor pode fazer o uso das novas

tecnologias, que poderá – certamente – resultar em uma maior aproximação do saber curricular com o cotidiano dos estudantes. Desta forma, é

[...] na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, [que são] definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem para os alunos (KENSKI, 2007, p. 19).

As novas tecnologias são uma realidade presente no cotidiano, assim, é difícil negar a sua importância ou necessária utilização consciente. Os recursos tecnológicos têm muitos potenciais a serem explorados em benefício do aprendizado dos estudantes. Além disso, as TIC contribuem para a atualização do professor quanto às novas informações e descobertas que envolvem seu campo de conhecimento. Na contemporaneidade, o professor se torna um aprendiz constante, diante da multiplicidade de possibilidades de conhecimento que os novos meios têm a lhe oferecer.

A atualização do professor quanto ao uso das novas tecnologias é muito importante, pois possibilita que o ensino acompanhe as linguagens dos novos tempos (ROCHA, 2011). Dessa maneira, as práticas cotidianas de sala de aula necessitam incluir as novas tecnologias, as quais já se fazem presentes nos lares de boa parte dos estudantes. Os alunos que não têm acesso ao computador teriam assim a oportunidade de inclusão aos novos meios de produção de conhecimento e de comunicação.

A utilização saudável dos recursos tecnológicos em sala de aula e em nossas próprias vidas é um fator que contribui para um maior equilíbrio de nossos pensamentos e ações. Porém, numa época dinâmica onde “tudo muda o tempo todo no mundo [e] não adianta fugir”, , em que, por vezes, vivemos na quase-dependência da tecnologia para viver e na corrida para acompanhar sua última inovação, alguns transtornos ou dificuldades acometem a nós sujeitos, como a perda do tempo de lazer ou reflexão sobre nossas próprias vidas ou objetivos fundamentais de nossa existência. A dependência tecnológica e por que não dizer, psicológica, concomitante ao consumo exacerbado das tecnologias é um fenômeno contemporâneo advindo com as TIC. O uso de recursos tecnológicos alcançou tamanha proporção no cotidiano, que o seu não-uso, implica um sentimento de exclusão de ordem informacional, comunicacional e até mesmo social, que pode estar presente no imaginário dos sujeitos.

Desse modo, consumir bens tecnológicos implica na inclusão do sujeito na sociedade de consumo, na qual, a mídia age de forma a influenciar e seduzir as pessoas para obterem produtos e serviços novos que contém em si a promessa de bem-estar e felicidade, fortalecendo nos imaginários, ideias de “modernidade” e atualidade com o tempo presente. Assim, as pessoas se esforçam para consumir objetos e produtos, mesmo que o sentimento de satisfação e pertencimento a esta lógica social seja instantâneo e breve, incidindo posteriormente no obsoletismo. Isto reforça este ciclo de consumo e satisfação, o qual tende a não se esgotar.

Um dos sintomas da mudança civilizacional em curso pode ser percebido na sociedade do mercado. Para estar incluído e pertencer a ela, deve-se consumir; para consumir há que se adquirir, para adquirir há que se ter capacidade (poder

aquisitivo) para tanto, porém o que se adquire, na sociedade do consumo, é fugaz, logo há que se empenhar esforço e recurso para adquirir novamente. [...] Esta lógica mantém a sociedade do consumo na qual o sujeito está inserido num círculo vicioso em que para estar “incluído” e “pertencer” necessita-se aceitar e consumir, caso contrário passa a não “existir”. É a inversão da lógica da vida na qual o fato de existir leva a consumir; para a sociedade do mercado, a regra é consumir como condição para existir e isto implica em manter perene o sentimento dos desejos insatisfeitos, o que leva a mais consumo para sua realização (NOGARO; ECCO, 2013, p. 391).

Além do fenômeno do consumismo para satisfazer questões subjetivas do ser (como o sentimento de pertencimento social), nota-se muitos outros aspectos comportamentais e subjetivos do sujeito na contemporaneidade, que são decorrentes ou relacionam-se com o advento das TIC. Estas transformações se justificam com a premissa de que “[o] homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir [e] agir” (KENSKI, 2007, p.21).

Em boa parte das vezes, o desejo por consumir bens tecnológicos está relacionado ao desejo de inclusão ao “mundo virtual” da internet e o fácil acesso a ele. O espaço da internet se constitui hoje como um espaço democrático, libertário e de contato social. Surge com a internet uma nova maneira de relacionar-se por meio de redes sociais virtuais, que possibilitam a interação dos indivíduos. Esta nova forma de comunicação mediada pelo computador, explora a sensação de simultaneidade e presença, não importando as distâncias físicas e geográficas que separam os sujeitos.

A partir desses sistemas de percepção mediados por computadores estamos redescobrindo e reconstruindo nossas relações com o mundo. [...] A participação interativa em rede nos traz no mínimo a sensação de cidadãos do universo, num planeta que se tornou espaço de referência no cotidiano. [...] [É um] campo transformador de potencialidades e no qual todas as trajetórias são possíveis (PRADO, 2003, p. 218-219).

O aspecto comportamental e cognitivo do ser humano também se alterou com a introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação. Hoje qualquer um de nós pode abrir a internet e ter acesso a uma grande quantidade de informações, sobre os mais variados assuntos. Podemos escolher o que nos convém com apenas alguns cliques. Supõe-se então, que esta rapidez e facilidade de acesso, produzirão sujeitos com o pensamento mais acelerado, disperso, não linear e que usem as informações disponíveis de maneira a traçar as inúmeras conexões ou “links” entre elas.

[O] jovem hoje, por outro lado, pode estar desenvolvendo um novo modo de pensar, voltado à rapidez da capacidade de detectar a informação e sintetizá-la. Mas, assim como as informações zapeadas, sua mente, seu corpo e suas relações podem estar fragmentados, dificultando a percepção mais apurada e cuidadosa, seja de seus sentimentos, seja das experiências que o mundo tão intensamente lhe oferece (PALADINO, 2010 apud NOGARO; ECCO, 2013, p. 393).

Os autores Nogaro e Ecco (2013) abordam essa questão contrastante da vida

contemporânea. Se por um lado estamos cada vez mais informatizados com as novas tecnologias e informados com os acontecimentos do mundo, por outro, estamos cada vez mais desatentos com o que se passa conosco e com aqueles que convivemos. Vivemos apressados – e a pressa afeta as nossas relações humanas, de modo que não temos mais o tempo necessário para o diálogo. Em decorrência disto, estamos nos tornando cada vez mais individualistas no nosso mundo real. A nossa sensibilidade pede socorro. Pouco do que vivemos cotidianamente, de fato nos afeta. Tudo isso nos leva a perceber, que a subjetividade humana merece maior atenção nestes novos tempos.

Esses aspectos subjetivos dos sujeitos contemporâneos podem ser trabalhados através da arte. O ensino da arte dentro da escola muitas vezes é menosprezado em detrimento de outras disciplinas de caráter mais lógico, que são reconhecidas por terem maior utilidade. Porém a utilidade da arte vai muito além do aprendizado do mundo lógico e material. Trata-se de explorar o mundo subjetivo de cada um de nós, desenvolvendo o saber sensível responsável por nossa percepção das qualidades do mundo que nos cerca. É o saber que perpassa pelo corpo, que permite o nosso processo de raciocínio e reflexão e que funda assim todos os demais saberes (DUARTE JÚNIOR, 2001).

### **3 TECNOLOGIA E ENSINO DE ARTES VISUAIS – PONTOS DE ANÁLISE**

A importância do ensino de Arte na escola pode estar na educação do sensível, chamada de educação estética, por Duarte Júnior (2001). Tendo origem na palavra grega “estética”, trata-se “da primordial capacidade do sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (DUARTE JÚNIOR, 2001). Por isso, o aprendizado e a utilização das novas tecnologias no ambiente escolar pode ser uma forma de integrar os indivíduos nesta sociedade, que faz uso dos meios tecnológicos para a produção de informação, conhecimento e comunicação.

A inserção da tecnologia e a criação de laboratórios de informática nas escolas, é hoje uma realidade para a maioria, sejam elas públicas ou privadas. A utilização do laboratório de informática representa um ótimo recurso didático-pedagógico para o professor. Basta que este saiba a melhor maneira de explorar o uso do computador e da internet como meios de contribuição para a produção de conhecimento. O bom uso deste recurso também depende da disponibilidade de acesso para os professores e os alunos.

A pesquisa realizada por meio de entrevistas, com uma amostra de quinze professores de Artes Visuais do município de Pelotas, no ano de 2012, nos mostrou alguns dados quanto ao uso da tecnologia nas escolas municipais e estaduais. Dos quinze professores, sete mencionaram possuir laboratórios de informática em suas respectivas escolas. Destes, dois professores relataram dificuldades quanto ao uso do laboratório, devido a problemas técnicos. Isso nos mostra que a inserção das novas tecnologias no ambiente escolar, enfrenta problemas de ordem material/físico, constituindo-se num fator inibitório ou mesmo, impedidor à ação docente, visto que o professor depende diretamente dos recursos que dispõe para poder desenvolver suas aulas com boa qualidade.

A maioria dos professores entrevistados já introduziram as TIC no ensino de Arte. No relato de muitos deles, percebe-se que eles se encontram no processo de adequação do uso destas às atividades e conteúdos curriculares. Dos quinze entrevistados, onze afirmaram que usam as novas

tecnologias nas aulas de Artes Visuais, como forma complementar ao fazer tradicional e para possibilitar o acesso à informação a assuntos relacionados à Arte.

A seguir um depoimento de uma professora de Artes Visuais da rede municipal de ensino do município de Pelotas - RS, mostrando de que maneira faz o uso da tecnologia em suas aulas:

Nossa aula tem laboratório de informática. Os alunos fazem slides de pintores, resumos, olham obras na internet, desenham com propostas programadas no *paint* e também às vezes, fazem releitura através do computador. Também dispomos de uma sala com TV e DVD, onde podem olhar filmes e após, preencher fichas sobre o mesmo, ou desenhar outras coisas com DVD no *pause* (PROFESSORA 1).

É possível perceber pelo recorte de entrevista da Professora 1, que ela utiliza as novas tecnologias no ensino das Artes Visuais, descrevendo as potencialidades destas materialidades no ambiente escolar, as quais possibilitam o exercício de metodologias diferenciadas na sua profissão.

A introdução das novas tecnologias no ensino de artes visuais trouxe consigo muitos recursos visuais e auditivos. Através do computador com acesso a internet, os alunos têm a oportunidade de conhecer de forma virtual inúmeras obras de arte do passado e de arte contemporânea, pelo meio de fotografias, vídeos e visitas virtuais em museus e espaços de arte. Esta tecnologia possibilita que os estudantes vivenciem o mínimo de experiência com a arte produzida, possibilitando a fruição estética e o conhecimento de diversas culturas e contextos históricos. Este conhecimento contextualizado com o passado e com o presente vai de encontro com a “Proposta Triangular para o Ensino da Arte” sistematizada pela teórica Ana Mae Barbosa, que consiste em: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar (RIZZI, 2011).

Quanto ao fazer artístico, ele também pode ser experienciado através do computador, pois “[a] tecnologia digital propicia novas formas de pensar e fazer arte” (PIMENTEL, 2011, p. 769). Para as aulas de arte, cabe explorar programas de desenho digital, pintura digital, modelagem tridimensional, edição de imagens, entre outros. Embora o uso destes programas esteja relacionado à disponibilidade de instalação e manutenção dos softwares, ao conhecimento do professor quanto as suas linguagens e os propósitos das atividades, é importante que os alunos explorem diversas ferramentas para a criação artística no meio digital. Para o Professor 3, “é indispensável usar a tecnologia. [...] Antigamente era difícil usar em sala de aula, hoje os alunos levam seus notebooks e a escola disponibiliza alguns. Também temos um laboratório de informática, então é impossível não usar. Celular ajuda a fotografar, e isto é interessante”.

A produção artística no meio digital possui uma grande representatividade na Arte Contemporânea. Por isso, é muito interessante que os alunos conheçam esse tipo de arte e também explorem seus meios, de modo a sentirem-se instigados a produção de conhecimentos. Poissant (2003) aborda a experimentação artística nos novos meios tecnológicos:

Sabe-se que as artes da mídia se constituem num cenário privilegiado de experimentação. As experiências artísticas que ocorrem atualmente neste domínio exploram as novas formas de sensorialidade, criando novas interfaces. Elas questionam também os papéis daquele que cria e do espectador em mutação [...]. Além disso, essas produções ilustram, isolando e dramatizando um aspecto

das questões da tecnologia sobre o humano e seu meio. A invenção das tecnologias na arte [...] permite experimentar e experimentar outros modos de produzir, passando a partir de agora pela interatividade, por processos, obras efêmeras, imateriais e híbridas pela possibilidade aberta pelo ciberespaço, a telepresença e a realidade virtual etc. Essas novas práticas têm um efeito que ultrapassa o domínio estrito da arte: elas agem diretamente sobre [...] a percepção do tempo e do espaço e, eventualmente, sobre o design do humano (POISSANT, 2003, p. 121).

Os estudantes de hoje sentem-se especialmente atraídos pelas novas tecnologias e seus recursos digitais. Durante a pesquisa, vários professores afirmaram que utilizam programas de informática para a produção e edição de imagens. Segundo uma professora de uma escola estadual do município de Pelotas, “os alunos de hoje querem fazer arte no computador” (Professora 2). Mas sua opinião é um tanto contraditória a esta vontade. Para ela, os alunos deveriam inicialmente experimentar o desenho no papel, para depois, utilizar os meios digitais de criação de imagens. “Não podem só ficar trocando cores e criando coisas nos editores de imagem. Eles têm que se soltarem diante do desenho à mão livre” (Professora 2). Esta opinião certamente é a de muitos professores de Artes Visuais. Embora os recursos tecnológicos apresentem-se como maravilhas aos olhos juvenis, é muito provável que os professores não se sintam totalmente à vontade para substituir a supremacia do fazer manual no campo da arte pelas inovações midiáticas. Isto se dá, em parte, pela sua própria formação universitária insuficiente, e por outro lado, pela crença docente na detenção do saber no âmbito de sala de aula, ideias repassadas pela maioria dos depoentes desta pesquisa.

Por outro lado, o próprio exercício da docência e o enfrentamento na utilização das novas tecnologias poderá ser o início para uma formação continuada, pois a educação

escolar pode ser considerada como uma prática social capacitante de si própria (à medida que reflete e busca se superar) e das demais práticas sociais, entendendo-se o conhecimento nela presente como instrumento teórico/prático fundante de significados e de intervenções na realidade mais ampla (PORTO, 2009, p. 39).

#### 4 BREVES CONCLUSÕES

O uso das novas tecnologias da informação e comunicação constitui-se uma realidade para nossa sociedade. Elas tornaram-se importantes e até mesmo indispensáveis em praticamente todos os âmbitos sociais. Alteraram de forma determinante os recursos e os meios para a comunicação e acesso à informação. Os espaços educativos não ficaram de fora das mudanças. A tecnologia adentrou (e tem adentrado) o espaço escolar de modo a “modernizá-lo”, ou melhor, torná-lo contemporâneo aos avanços tecnológicos que foram sentidos pela sociedade, na qual ambas, sociedade e educação, tiveram que se adaptar neste processo de inserção das novas tecnologias.

Em relação aos processos de adaptação dos professores às novas tecnologias em seu ensino, entende-se que a situação apontada é compreensível, pois invariavelmente, a maioria dos professores teve sua formação calcada na tradição histórica do fazer artesanal e materializado dos produtos artísticos. De fato, mesmo com o advento das possibilidades de produção de arte através

da tecnologia digital, a produção manual continua com todo vigor e valor, continuamente sendo exercitada nos cursos superiores de Artes Visuais. Nesse sentido, uma maior atenção ao ensino da arte contemporânea seria favorável à flexibilização dos conceitos artísticos. Em outros casos, verificou-se que a dificuldade na utilização destas tecnologias, especialmente pela falta de manutenção e oferta dos equipamentos, leva os professores a utilizarem as tecnologias artísticas tradicionais. Verificou-se também, em poucos casos, uma indisponibilidade pessoal do professor no tocante à aproximação com as tecnologias, por desconhecimento ou falta de formação apropriada.

Quanto ao ensino de Artes Visuais, a tecnologia só veio a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, ainda que existam diversas formas de ver essas novas possibilidades: alguns ainda a utilizam como um recurso apenas, outros as veem como mídias, ou seja, formas diferenciadas de interação professor-aluno com o conhecimento.

Os vários recursos tecnológicos usados têm por objetivo uma melhor qualidade e desenvolvimento das aulas de arte, a fim de atrair as crianças e jovens para a produção de conhecimentos mediada pela tecnologia e que são provenientes tanto de pesquisas feitas na grande rede, quanto no fazer artístico utilizando-se das tecnologias computacionais. Ainda que esta situação seja presente, observou-se que os professores preservam as práticas acadêmicas de fazer arte na escola, evitando uma experimentação maior, e indo de encontro às aspirações juvenis, que clamam por novidades e novas formas de criação. Porém, a inserção destas tecnologias nas escolas não garante o seu uso, o qual depende da formação continuada do professor, de seu interesse pessoal em levar os conhecimentos tecnológicos aos alunos, das condições físicas e materiais para sua instalação, e da adesão dos alunos aos processos de aprendizagem.

## 5 REFERÊNCIAS

1. ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: Imagens e Auto-Imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
2. BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e Educação: Trabalho e Formação Docente. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004.
3. BARRETO, Raquel Goulart. Discursos, tecnologias, educação. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
4. COMO UMA ONDA, [1983]. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Como\\_uma\\_onda\\_\(Zen-Surfismo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Como_uma_onda_(Zen-Surfismo))> Acesso em 05 fev. 2014.
5. DUARTE Jr, João Francisco. O sentido dos sentidos. Curitiba: Criar, 2001.
6. FISS, Dóris Maria Luzzardi; AQUINO Israel da Silva. Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), Autoria Colaborativa e Produção de Conhecimento no Ensino Superior. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.199-226, jul./dez. 2013.
7. KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2006.
8. KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.
9. LEOTE, Rosangella. Interfaces na relação Arte e Tecnologia. In Oliveira et al (Orgs). Território

- das artes. São Paulo: Ed. EDUC, 2006.
10. LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
11. LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. 2<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
12. LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva. 7<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
13. MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007
14. NOGARO Arnaldo; ECCO Idanir. Mudanças antropológicas decorrentes do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p.383-398, jul./dez. 2013.
15. PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Novas Territorialidades e Identidades Culturais: O Ensino de Arte e as Tecnologias Contemporâneas. In: Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.
16. POISSANT, Louise. Ser e fazer sobre a tela. In: DOMINGUES, Diana (Org.) Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Capítulo 7, p. 115-123.
17. PORTO, Tania Maria Esperon. Inserções de tecnologias e meios de comunicação em escolas públicas de nível fundamental: uma realidade em estudo. Revista Linhas, UDESC, v.10, n.2, Jul./Dez. 2009, p. 34-59.
18. PRADO, Gilbertto. Ambientes virtuais multiusuário. In: DOMINGUES, Diana (Org.) Arte e vida no século XXI: Tecnologia, Ciência e Criatividade. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Capítulo 14, p. 207-225.
19. RIZZI, Maria Cristina de Souza; Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2011. Capítulo 5, p. 63-70.
20. ROCHA, Termisia Luiza. Percepção do professor acerca do uso das mídias e da tecnologia na prática pedagógica. Cadernos da FUCAMP, v.10, n.13, p.1-10/2011.